

# Anarquismo e práticas de leitura na Argentina: Biblioteca Popular Juventud Moderna e as “leituras comentadas”

## *Anarchism and reading practices in Argentina: Popular Library Juventud Moderna and the “commented readings”*

*Eduardo Augusto Souza Cunha*

Mestre em História Econômica pela FFLCH-USP.

E-mail: [eduardoascunha@gmail.com](mailto:eduardoascunha@gmail.com)

---

**Resumo:** Entre as práticas culturais dos anarquistas inseridos no universo operário, estiveram aquelas voltadas à promoção da leitura. Entre elas, citamos a criação de espaços como bibliotecas, a edição de jornais, livros e folhetos e a organização de práticas de leituras coletivas. Neste artigo, apresentaremos duas experiências ocorridas na Argentina: a Biblioteca Popular e as “leituras comentadas”. A partir dessas experiências, notamos como os anarquistas se utilizavam das práticas culturais como ferramentas da sua estratégia política. Isso se dava não só pelo valor emancipatório conferido à leitura, mas também pelo estabelecimento de espaços de sociabilidade, essenciais para solidificar a identidade de classe.

**Palavras-chave:** Anarquismo. Leitura. Argentina.

**Abstract:** Among the cultural practices of the anarchists in the working class, there were those aimed at promoting reading. Among them, we mention the creation of spaces such as libraries, the edition of newspapers, books and leaflets and the organization of practices of collective reading. In this article, we will present two experiences that have taken place in Argentina: the Popular Library “Juventud Moderna” and the “commented readings”. From these experiences, we noted how anarchists used cultural practices as tools to promote their political strategy. This was due not only to the emancipatory value conferred on reading, but also to the establishment of spaces of sociability, essential to solidify class identity.

**Keywords:** Anarchism. Reading. Argentina.

---

### *1 Introdução*

O anarquismo enfatizou a importância da educação e da cultura para a transformação social desde a sua origem, na década de 1870. Além de estarem presentes no pensamento e no discurso dos seus militantes, as experiências atestam essa forte atuação educativa e cultural nos meios libertários. Os ácratas reuniram seus esforços tanto na fundação de escolas, bibliotecas, círculos de estudos e ateneus, como na publicação de jornais, revistas, livros e folhetos (LITVAK, 2001; SURIANO, 2001). A luta pela apropriação do conhecimento, sua socialização com os trabalhadores e a constante divulgação das ideias foram práticas concretas recorrentes dos libertários no seio do movimento operário.

A maioria dessas experiências ocorreu no final do século XIX e no início do

século passado e esteve ligada ao movimento dos trabalhadores e às sociedades de resistência operárias. Tais práticas culturais não eram promovidas exclusivamente por anarquistas ou pelas demais correntes socialistas do período. Elas estavam presentes no próprio universo operário, independente da influência dessas correntes. Pode-se notar o relevo dado às práticas culturais entre os trabalhadores no modo como eles se apropriaram da leitura. Como afirma o historiador Martyn Lyons, os trabalhadores compunham, junto com as mulheres e as crianças, os “novos leitores” do século XIX. No caso específico dos trabalhadores, Lyons ressalta o valor político conferido à leitura. Segundo o autor (1999, p. 39), “a habilidade de ler e escrever era essencial para as massas. Talvez seja ainda mais importante considerar que a leitura ofereceu um caminho para a auto-educação e para o desenvolvimento da conscientização da classe trabalhadora”.

As práticas culturais operárias que foram influenciadas pelo anarquismo convergiram na busca pela formação de uma nova cultura, baseada na auto-organização da classe, orientadas por um processo de transformação social. Entre elas, estava a criação de espaços coletivos – ateneus, bibliotecas, centro de cultura, entre outros. Eles possibilitavam aos trabalhadores o acesso a grande número de obras científicas e literárias, fomentavam discussões sobre diversos assuntos e possibilitavam a circulação de informações e notícias da conjuntura política em geral e do cotidiano operário, em particular. Ademais, a vivência dentro desses espaços possibilitava o fortalecimento da identidade operária.

A partir de tais práticas, percebe-se que os anarquistas contribuíram para atribuir à leitura um sentido político. Para os ácratas, tratava-se de um elemento-chave no processo de transformação social. A leitura era vista como uma das necessidades para o empoderamento dos trabalhadores (tanto no âmbito coletivo quanto no individual) por meio do desenvolvimento da sua conscientização. Essa visão é sintetizada pelo geógrafo e militante anarquista Élisée Reclus (2002, p. 51-52): “queremos saber. Não admitimos que a ciência seja um privilégio, e que homens situados no cume de uma montanha [...] ditem-nos leis. [...] Não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão”. Nesse sentido, o autodidatismo ganhava relevo.

A relação entre autodidatismo e anarquismo foi bem apontada por Antonio Valverde (2008, p. 396):

para o autodidata libertário não interessa somente a aquisição dos “mecanismos” de leitura, mas, para além do domínio das conexões das letras, palavras, números, juízos, são as reflexões e as análises críticas da realidade imediata e mediata que são almejadas. Porque o autodidata anarquista opera o auto-aprendizado em vista de um horizonte político e ético de negação da ordem dada, construído desde a reflexão cotidiana acerca do trabalho, das lutas sociais, e de bem com o progresso geral da humanidade.

A alfabetização das massas populares possibilitou o desenvolvimento de hábitos de leitura até então desconhecidos entre os trabalhadores. Apesar de grande parte da classe trabalhadora permanecer marginalizada do mundo das letras

(sobretudo em países da periferia da economia-mundo, como o Brasil), as campanhas de alfabetização começaram a reverter esse quadro no final do século XIX. Esse processo ocorreu não apenas na Europa, mas também em outras regiões do mundo que foram na contramão dos demais países de sua região, como a Argentina. No projeto de construção do Estado-Nação, as elites dirigentes do país promoveram políticas públicas de promoção do ensino primário, além de incentivarem a criação de bibliotecas populares. Tal processo resultou em uma grande ampliação do público leitor e, por conseguinte, na formação de um incipiente mercado editorial (PRIETO, 1988). Nesse contexto, os anarquistas encontraram na Argentina uma conjuntura fértil para criar e desenvolver espaços e práticas de leitura atrelados a sua estratégia política.

Neste artigo, apresentaremos duas experiências que compõem esse conjunto de práticas culturais ácratas na Argentina: a Biblioteca Popular Juventud Moderna, de Mar del Plata, e as “leituras comentadas”, concentradas em Buenos Aires. Comentaremos a criação da biblioteca e sua história até os primeiros anos da década de 1940, enquanto discorreremos sobre a segunda experiência na década de 1910 e 1920. Em suma, ambas estiveram inscritas em um momento-chave da história argentina. Nesse período, o livro se popularizou, tornando-se presente no cotidiano dos argentinos, independente da sua classe social, por meio das edições de baixo custo e da fundação de um grande número de bibliotecas populares (GUTIÉRREZ; ROMERO, 2007). A relação entre edição e política já é possível de ser identificada no país desde o século XIX, principalmente nas suas últimas décadas, porém ela ganhou novos contornos a partir do entreguerras. Nesses anos, percebe-se o fortalecimento dos projetos políticos que utilizavam o livro e a leitura como instrumentos de propaganda dos seus ideais.

Portanto, a seguir, discutiremos como o anarquismo esteve presente nesse processo a partir das duas experiências citadas. Nota-se que seu conteúdo político não se restringia ao valor emancipatório conferido à leitura. Tais experiências também manifestavam seu aspecto político com o estabelecimento de espaços de sociabilidade, em que se buscava a construção de uma cultura operária a partir da solidariedade de classe colocada em prática.

## ***2 A Biblioteca Popular Juventud Moderna: público leitor e circulação de livros***

Fundada em 1911, na cidade de Mar del Plata, a Biblioteca Popular Juventud Moderna (BPJM) funciona até os dias de hoje, passando por mudanças de sedes e de propósitos ao longo dos mais de cem anos. Quando fundada, a biblioteca tinha funções que transcendiam às de um espaço de leitura: também havia eventos culturais, lazer e atividades educativas. Esse aspecto é visível na afirmação do militante e membro da Biblioteca Héctor Woollands, em seu trabalho *Notas para la Historia de la Biblioteca Popular Juventud Moderna*: “La Sociedad Juventud Moderna propició, entonces, conferencias educativas, veladas literarias, actos artísticos que atraían a numerosas familias obreras” (WOOLANDS, 1989, p. 19). Também encontramos essa característica na atuação do grupo dramático “Amigos del Arte” no interior da BPJM, a partir do final da década de 1930 (DOLABANI, 2017).

Ademais, a BPJM era um espaço de sociabilidade operária, sendo igualmente sede de alguns sindicatos. Segundo Woollands (1989, p. 22), seus fundadores eram

trabalhadores em busca de “capacitarse para ser más útiles a la causa que habían abrazado. Es así que dedicados a la tarea de intensificar los sindicatos, fue creciendo el número de gremios que se organizaban. Las reuniones preliminares se hacían en local de la Biblioteca”.

O caráter de um espaço coletivo, dado pela composição sindical e interprofissional da biblioteca, tornou-se ainda mais evidente em 1924, quando foi inaugurada sua nova sede com a compra de um imóvel. O novo espaço, batizado de Casa del Pueblo, foi a sede tanto da Biblioteca de la Juventud Moderna, como da Unión Obrera Local (UOL), organização que reunia os sindicatos dos motoristas, garçons, carpinteiros, comerciários, pedreiros, ferroviários, eletricitistas, pintores, entre outros. (QUIROGA, 2003, p. 5). Segundo Romani (2006), a nova sede era constituída por uma sala de leitura, que pode ser vista por meio da imagem 1, e por três dependências.

**Imagem 1:** Fotografia da Sala de leitura da Casa del Pueblo



Fonte: ROMANI, 2006, p. 96.

Em 1940, nota-se o apoio dos trabalhadores para o funcionamento da biblioteca. Nesse ano, iniciou-se uma obra de expansão, completada no ano seguinte, com a construção de um salão de artes, destinado a encenações teatrais e conferências. Os recursos financeiros para a compra do terreno e a construção do imóvel foram calculados em \$ 25.201,15. Conforme afirma Woolands (1989, p. 24), sindicatos de diversas categorias contribuíram com a doação de dinheiro: “Carpinteros, Mosaístas, Mozos y Cocineros, Metalúrgicos, Unión Obrera Local, Unión Gráfica Marplatense y Obreros Pintores. Entre todos ellos y con sumas desiguales aportaron la cantidad total

de \$ 9.861,40”. Para completar a quantia restante, os membros da Biblioteca recorreram a atividades destinadas ao seu público. Foram organizadas festas e quermeses, além da venda de rifas, de cupons e de bombons. As ações foram exitosas e a biblioteca conseguiu arcar com todos os custos da nova sede. Como demonstração do alcance da campanha para a arrecadação de fundos, Héctor Woollands (1989, p. 25) afirma:

Las romerías y kermeses organizadas por la Biblioteca Popular Juventud Moderna fueron tan populares, que la venta de bombones en ellas constituyó una importante fuente de ingresos. A tal punto llegó que, en ladrillos, cal y arena para la construcción de la casa se invirtieron \$ 2.367,70 y en la compra de bombones para vender y rifar en romerías y kermeses se gastaron \$ 2.786,75.

Acerca do funcionamento da biblioteca, os membros conciliavam seus trabalhos com a demanda originada pelos leitores. Woollands (1989, p. 26) escreve:

todos los días de lunes al sábados, al llegar la tarde, cuando sus ocasionales miembros de Comisión terminaban su trabajo en obras y talleres, acudían, sin ni siquiera tener tiempo de cambiar sus ropas de trabajo, a abrir las puertas de la Biblioteca para posibilitar el ingreso de lectores.

Não havia restrição para a consulta ao acervo e para retirar livros para empréstimo: “Fueran o no socios, quienes, además de consultar obras en el mismo local de lectura, podían retirar libros a domicilio hasta por treinta días”.

Além da obra de Woollands, outro importante trabalho para se estudar a Biblioteca Popular de la Juventud Moderna é o estudo do historiador Nicolás Quiroga. Partindo do problema de como a biblioteca se relacionou com o público leitor local por meio dos seus empréstimos, o autor construiu sua própria metodologia. Tendo como fonte documental básica o livro de empréstimos da instituição, o autor fez três recortes temporais: 1927/1928; 1936 e 1941/1942. Quiroga, para desenvolver seu problema, explorou diversas questões, das quais não abordaremos todas (por exemplo: média de livros retirados por leitor, estabelecendo duas categorias: leitores assíduos e leitores não assíduos; número de vezes em que o leitor retirou mais de um livro do mesmo autor; frequência de devolução dos livros retirados, entre outras). Aqui, exporemos três dessas questões: dados gerais de empréstimos contrapostos à quantidade de livros emprestados por leitores e por leitoras; leitores e a quantidade total de livros emprestados; os autores que tiveram seus livros mais emprestados.

Sobre o número de empréstimos, de livros disponíveis para empréstimo e o público leitor por gênero, Quiroga nos apresenta os seguintes dados, que podem ser visualizados no quadro 1. Podemos notar uma grande diferença entre o total de leitores e leitoras, possivelmente devido às restrições impostas às mulheres em espaços públicos, mesmo naqueles em que a questão da emancipação feminina era posta em evidência. Outro aspecto visível é a queda nos três dados com o decorrer do tempo.

**Quadro 1 - Dados gerais dos períodos**

	<b>1927/1928</b>	<b>1936</b>	<b>1941/1942</b>
Total de empréstimos	2635	1915	1878
Total de leitores	411	293	233
Total de leitoras	66	40	42
Total de livros emprestados (catálogo ativo)	1087	940	827

Fonte: QUIROGA, 2003, p. 10.

No quadro 2, os leitores (homens e mulheres) são divididos pela quantidade de livros emprestados em determinados períodos. Percebe-se que a grande maioria dos leitores retirou empréstimos de um a oito livros, enquanto o número de leitores que retiraram mais de nove livros emprestados cai drasticamente, em todos os períodos recortados. Nota-se, assim como no quadro anterior, uma queda nos números do último período selecionado (1941-1942).

**Quadro 2 - Número de leitores por quantidade de livros extraídos**

	<b>Leitores</b>		
	<b>1927/1928</b>	<b>1936</b>	<b>1941/1942</b>
1 livro	131	87	68
2 a 4 livros	174	118	90
5 a 8 livros	80	64	50
9 a 12 livros	43	26	25
13 a 16 livros	21	15	13
17 a 20 livros	6	7	11
21 a 24 livros	9	8	5
25 a 28 livros	3	2	5
29 a 32 livros	4	1	2
33 a 36 livros	3	2	3
37 ou mais livros	3	3	3

Fonte: QUIROGA, 2003, p. 10.

E, por último, no quadro 3, é possível ver quais eram os autores cujas obras eram mais emprestadas. O que mais se ressalta é que, apesar da aproximação ideológica com o anarquismo, a maioria dos empréstimos não é composta por uma literatura especificamente anarquista. Trata-se de obras que podemos classificar de modo amplo e vago – tal como Quiroga – como obras com “compromisso social”. Isso nos faz levantar a hipótese de que o projeto da BPJM não era fazer propaganda doutrinária do anarquismo, mas sim incentivar a leitura a partir de uma literatura mais ampla, mas que ainda tem como principal temática a questão social (como é o caso de autores como Máximo Górkki, Émile Zola, Victor Hugo, Liev Tolstoi, entre outros).

**Quadro 3 - Autores com mais títulos emprestados**

1927/1928		1941/1942	
Autores	Títulos emprestados	Autores	Títulos emprestados
Émile Zola	34	Trigo	16
Victor Hugo	26	Knut Hamsun	9
Liev Tolstoi	25	Gálvez	9
Máximo Górkí	21	Piotr Kropotkin	8
Blasco Ibañez	20	Federico Urales	8
Julio Verne	15	Voltaire	6

Fonte: Elaborado a partir de dados apresentados por Quiroga (2003, p. 14-15).

### 3 As “leituras comentadas”: o autodidatismo em espaço coletivo

A difusão da prática das “leituras comentadas” no seio do anarquismo argentino ocorreu em um período próximo da fundação da Biblioteca Popular Juventud Moderna. Tratava-se de encontros em que as pessoas presentes escolhiam entre elas a responsável por fazer a leitura em voz alta de trechos de obras, selecionadas anteriormente, e, em seguida, era feita uma discussão. Quem era escolhido, geralmente, era aquela que tinha mais familiaridade com o hábito da leitura. Essa prática se generalizou no transcorrer da década de 1910 e, na década seguinte, tornou-se um dos modelos de atividade mais frequente organizado pelos anarquistas, ao lado do teatro e das conferências seguidas de debate (BARRANCOS, 1998).

As “leituras comentadas” se aproximavam da longa tradição oral nos hábitos de leitura. Podemos encontrar práticas de leitura similares em períodos anteriores e em contextos diversos. Por exemplo, é possível identificar a realização de leituras coletivas conduzidas por uma pessoa lendo em voz alta em diferentes espaços no século XIX, como reuniões familiares, conventos e prisões. Em particular, destacamos a semelhança com outras práticas em espaços operários, como os leitores de tabacaria em Cuba e na região agrária de Valencia, na Espanha (LITVAK, 2002; NAVARRO, 2004). Além das experiências citadas, é necessário ressaltar a tradição da oralidade na leitura nos séculos anteriores (LYONS, 1999). Estabelecer esses traços em comum nos ajuda a compreender melhor essa prática de leitura, ao localizá-la como uma das formas que compõem, no século XIX, um repertório comum de práticas utilizadas, sobretudo, pelas classes populares, para superar o analfabetismo e ter acesso à leitura.

A opção das “leituras comentadas” pelos anarquistas argentinos tem uma nítida intenção política. Tratava-se, antes de tudo, de criar um espaço de formação ideológica, em que os participantes tinham contato e se aprofundavam em temas centrais do anarquismo por meio da discussão com seus pares. Como destaca Dora Barrancos (1998, p. 155),

não há dúvidas de que o mecanismo das “leituras comentadas” significava um atraente e oportuno modo de reavivar o ideário, de educar os novos ingressantes e de socializar o vasto repertório de autores e temas que se sucediam em um espaço já universal, colocando em evidência que, apesar de tudo, ainda vigoravam naquela época os grandes sonhos de fraternidade e justiça, agora mais urgentes

devido ao final da guerra.

Nesse sentido, a eleição dos autores era central. A escolha de autores que formam parte do cânone anarquista foi generalizada, porém autores hoje considerados clássicos, como Pierre Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, pouco aparecem na seleção de leituras. Os autores anarquistas mais frequentes foram Piotr Kropotkin e Sébastien Faure, seguidos por Errico Malatesta, Élisée Reclus, Jean Grave, Christiaan Cornelissen, Anselmo Lorenzo e Augustin Hamon. Contudo, os autores escolhidos não se restringiam ao campo do anarquismo. Eram escolhidos com frequência autores como Eça de Queiroz, Émile Zola, Honoré de Balzac e Max Nordau (BARRANCOS, 1998).

Em seu trabalho sobre as “leituras comentadas”, Dora Barrancos teve a oportunidade de entrevistar militantes anarquistas que participaram dessas experiências nas décadas de 1920 e 1930. A respeito de como era a dinâmica dos encontros, Fernando Arana (*apud* BARRANCOS, 1998, p. 157) afirmou:

um companheiro lia um texto, logo se fazia uma pausa e começava a discussão. Todo mundo tinha que opinar e, se alguém não o fazia, os outros pediam para que manifestasse suas ideias, o que lhe havia parecido, enfim, o que representava para ele o que se dizia.

Miguel A. González aponta que o objetivo central era “estimular uma ginástica cerebral para favorecer a clareza de ideias”. Nessa perspectiva, para o militante, não havia intenção doutrinária no sentido de construir uma opinião unitária: “em matéria de opiniões, poderia em certos casos haver uma coincidência, mas nunca uma uniformidade total. [...] As discussões eram um belo espetáculo. Ainda que não houvesse um acordo total, a discrepância não dava lugar a rancores” (BARRANCOS, 1998, p. 158).

Em geral, o debate centrava-se em torno dos apontamentos do texto, mas inevitavelmente havia reflexões trazidas pelos participantes que iam para muito além daquilo que constava no texto. Segundo Barrancos (1998, p. 159), “era quando os grupos passavam pelas mais diferentes experiências de interpretação, abarcando um universo de problemas que iam da eugenia até o amor livre, a vida naturalista e considerações sobre a medicina condizente com ela”. Sobre essas discussões, González relembra situações “disparatadas e desconcertantes”, segundo suas próprias palavras. Ele dá o exemplo de uma discussão sobre vegetarianismo, em que um dos membros afirmou “só por um preconceito não comemos carne de uma pessoa sã, morta em um acidente”, o que despertou grandes protestos, “supondo que nos colocavam na posição de canibais, como acontece em circunstâncias excepcionais a homens altamente civilizados, como os expedicionários que não tiveram outro remédio senão matar um companheiro e comê-lo”.

Acerca dos livros selecionados, Fernando Arana (*apud* BARRANCOS, 1998, p. 158) afirma que das “leituras comentadas” das quais participou, a escolha mais frequente era *A Conquista do Pão*, de Piotr Kropotkin. Em seguida, outros dois livros ressaltados por Arana como essenciais nos programas de leitura adotados foram *Temas Subversivos*, de Sébastien Faure, e *Ajuda Mútua*, também de Kropotkin.

Com o golpe militar do general Uriburu, instala-se uma ditadura militar na Argentina. A nova conjuntura representou um duro ataque ao anarquismo no país e muitas das suas práticas culturais e políticas foram reprimidas. Entre elas, estão as “leituras comentadas”. Porém, o anarquismo argentino procurou se readaptar, reelaborando sua estratégia. Assim, se é inquestionável que encerra uma fase grandiosa da sua história, não podemos negar a continuidade da resistência libertária à ordem social vigente e da sua propositiva da construção de outra sociedade ao longo dos anos.

#### *4 Considerações finais*

Tanto a Biblioteca Popular Juventud Moderna como as “leituras comentadas” não foram experiências isoladas do anarquismo argentino. Elas se inserem em um conjunto de práticas políticas e culturais promovidas por anarquistas ao longo da sua história, em diferentes países. Formam parte da concepção pedagógica que é nuclear ao anarquismo, colocando em prática (por meio de bibliotecas, grupos de leituras, centros culturais, entre outras práticas) o princípio de que a formação educacional da classe trabalhadora deve ser organizada pela própria classe trabalhadora.

Nesse sentido, o autodidatismo tem um papel central. Nos casos citados, ele se dá em um ambiente coletivo e as reflexões se relacionam diretamente com a realidade vivida. O autodidatismo é posto em serviço para promover a solidariedade entre os trabalhadores, reforçando sua identidade enquanto classe social ao possibilitar o reconhecimento dos interesses em comum entre profissionais de distintas categorias.

Assim, nas atividades da Biblioteca Popular Juventud Moderna e nas “leituras comentadas”, trabalhadores e trabalhadoras desenvolveram uma experiência educativa em que a leitura tem lugar central, mas o valor pedagógico não se limita somente a essa esfera. Na solidariedade para construir a biblioteca e no ambiente coletivo existente desde a escolha dos textos até as discussões das obras nas “leituras comentadas”, o aprendizado se dá por meio não só da leitura e dos livros, mas também da própria experiência compartilhada.

#### *Referências*

BARRANCOS, Dora. As “leituras comentadas”: um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930. *Cadernos AEL*, Vol. 5, No 8/9, Campinas: AEL/Unicamp, 1998, pp. 151-163. Disponível em: <[http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes\\_ael/index.php/cadernos\\_ael/article/view/108](http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/108)>. Acesso em: 26 abr. 2018.

DOLABANI, Milagros. “La Biblioteca Popular Juventud Moderna: teatro, política y activismo gremial en Mar del Plata (1939-1947)”. *Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*, 2017, p. 1-32.

GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. Sociedades barriales y bibliotecas populares. In.: \_\_\_\_\_. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la*

Entreguerra. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007, p. 71-107.

LITVAK, Lily. *Musa Libertaria: arte, literatura, y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Madri: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001.

\_\_\_\_\_. Cultura obrera en Cuba. La lectura colectiva en los talleres de tabaquería. *Bicel: Boletín interno de la Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo*, n.º. 13. Madri: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2002, pp. 25-30. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3222542>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

LYONS, Martyn. *A Palavra Impressa: histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

NAVARRO, Francisco Javier. *La revolución por la cultura: prácticas culturales y sociabilidad libertarias en el país valenciano (1931-1939)*. Valencia: Universitat de Valencia, 2004, p. 147-157.

PRIETO, Adolfo. *El discurso criollista en la formación de la Argentina Moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.

QUIROGA, Nicolás. Lectura y política. Los lectores de la Biblioteca Popular Juventud Moderna de Mar del Plata (fines de los años treinta y principio de los cuarenta). *Anuario IEHS*, núm. 18, 2003, pp 1-32. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3419819/Lectura\\_y\\_pol%C3%ADtica\\_los\\_lectores\\_de\\_la\\_Biblioteca\\_Popular\\_Juventud\\_Moderna\\_de\\_Mar\\_del\\_Plata\\_fines\\_de\\_los\\_a%C3%B1os\\_trinta\\_y\\_principios\\_de\\_los\\_cuarenta](https://www.academia.edu/3419819/Lectura_y_pol%C3%ADtica_los_lectores_de_la_Biblioteca_Popular_Juventud_Moderna_de_Mar_del_Plata_fines_de_los_a%C3%B1os_trinta_y_principios_de_los_cuarenta)>. Acesso em: 21 abr. 2018.

RECLUS, Élisée. *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

ROMANI, Carlo. A Biblioteca Popular à Escola Moderna. Breve história da ciência e educação libertária na América do Sul. *Educação Libertária*, n.º 1, São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Imaginário, dezembro de 2006.

SURIANO, Juan. *Anarquistas: Cultura y Política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.

VALVERDE, Antonio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. *Revista Educação e Pesquisa*, vol.34, n.2. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2008, pp. 393-397. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022008000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200012)>. Acesso em: 28 abr. 2016.

WOOLLANDS, Héctor. *Notas para la Historia de la Biblioteca Popular de la Juventud Moderna*. Ediciones Mar del Plata: Biblioteca de la Juventud Moderna, 1989.